



Realismo crítico e análise de discurso crítica: hibridismos de fronteiras epistemológicas

Critical realism and critical discourse analysis:
hibridisms of epistemological boundaries

Realismo crítico y análisis de discurso crítico:
hibridismos de fronteras epistemológicas

Solange Maria de Barros (UFMT)

Viviane Vieira (UnB)

Viviane de Melo Resende (UnB)

Resumo

Neste artigo buscamos refletir sobre o hibridismo de fronteiras entre o realismo crítico e a análise de discurso crítica. Procuramos mostrar as aproximações entre essas duas abordagens, bem como algumas implicações possíveis como consequência da porosidade entre suas fronteiras disciplinares e epistemológicas. Começamos por tecer considerações sobre a filosofia do realismo crítico, formulada por Bhaskar (1998, 2000, 2002a, 2002b), para, em seguida, explorar o potencial explanatório da análise de discurso crítica, buscando discutir algumas implicações do realismo crítico para os estudos da *semiose*. Também argumentamos que a complexidade da relação entre as dimensões intransitiva (ontológica) e transitiva (epistemológica) da ciência, quando se trata do mundo social, pode ser coerentemente explorada em abordagens discursivas.

Palavras-Chave: Realismo crítico, análise de discurso crítica, hibridismo

Abstract

In this article we reflect on hybridity of boundaries between critical realism and critical discourse analysis. We explore similarities between these two approaches, as well as some possible implications of porosity between their disciplinary and epistemological boundaries. We begin with some considerations on the philosophy of critical realism, formulated by Bhaskar (1998, 2000, 2002a, 2002b), to then explore the explanatory potential of critical discourse analysis, seeking to discuss some implications of critical realism for semiotic studies. We also argue that the complexity of the relationship between intransitive (ontological) and transitive (epistemological) dimensions of science, when it comes to the social world, can be consistently explored in discursive approaches.

Keywords: Critical realism, critical discourse analysis, hybridity



Resumen

En este artículo se reflexiona sobre el hibridismo de fronteras entre el realismo crítico y el análisis de discurso crítico. Buscamos mostrar las aproximaciones entre esas dos perspectivas, así como algunas implicaciones posibles como consecuencia de la porosidad entre sus fronteras disciplinares y epistemológicas. Empezamos por plantear consideraciones sobre la filosofía del realismo crítico, formulada por Bhaskar (1998, 2000, 2002a, 2002b), para enseguida explorar el potencial de exposición del análisis de discurso crítico, tratando de discutir algunas implicaciones del realismo crítico a los estudios de la *semiosis*. Asimismo, argumentamos que la complejidad de la relación entre las dimensiones intransitiva (ontológica) y transitiva (epistemológica) de la ciencia, cuando se trata del mundo social, puede ser coherentemente explorada en perspectivas discursivas.

Palabras Clave: Realismo crítico, análisis de discurso crítico, hibridismo

Introdução

Nos últimos quinze anos, a abordagem da análise de discurso crítica (ADC), ou análise crítica do discurso (ACD), inicialmente proposta por Fairclough (1989; 1999; 2001, 2003a, 2010), tem se colocado nos cenários nacional e internacional como uma proposta teórico-metodológica relevante para os estudos do discurso. É um campo de ensino e pesquisa transdisciplinar que tem sido amplamente difundido nas ciências sociais e humanidades em geral. Recentemente, Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (2003a) incluíram em seus estudos a ontologia social crítico-realista em busca da construção de uma crítica explanatória para explicar a vida social. Na perspectiva realista, a vida é compreendida como um sistema aberto, governado por mecanismos oriundos das estruturas e de que resultam os eventos sociais. Eventos e estruturas são partes da realidade social, e estabelecem, nessa perspectiva, relação transformacional. Essa visão crítico-realista da vida social se baseia nos estudos de Bhaskar (1978, 1998, 2000, 2002a, 2002b), Collier (1994), Sayer (2000), entre outros.

A abordagem científica para estudos sobre como o discurso constitui o social, sobretudo nos aspectos mais problemáticos de assimetria de poder, tem sido utilizada e reelaborada para as questões do contexto sociopolítico, histórico e geográfico latino-americano, a exemplo dos trabalhos das pesquisadoras Barros (2008, 2009, 2010, 2015), Berardi (2003), Gomes (2011), Magalhães (2009, 2010), Papa (2005, 2008), Pardo Abril (2007, 2008), Pardo (2008, 2011), Ramalho (2009, 2010a, 2010b, 2013), Ramalho e Resende (2011), Resende e Ramalho (2004, 2005, 2006, 2011, 2013), Resende (2009a, 2009b, 2010, 2013a, 2013b), Silva e Ramalho (2008a, 2008b), Silva e Pardo (2010), para citar algumas das contribuições latino-americanas aos estudos críticos do discurso.

Isso nos aponta pelo menos duas notáveis transposições de fronteiras. Primeiro, entre realidades sociais distintas, já que os países da América Latina são afetados pela política econômico-cultural hegemônica da América do Norte e Europa, mas esses não partilham das mesmas questões sociais problemáticas da “semi-periferia do capitalismo” (SANTOS, 2002). Segundo, uma transposição de fronteiras epistemológicas, impulsionada pela necessidade de repensar teoricamente (e também ontológica e metodologicamente, como discutimos aqui) a nossa realidade nesse contexto de relações de exploração capitalista em escala global, o



que motiva um movimento de “descolonização epistemológica” em direção ao “pensamento latino-americano” autônomo, independente, que vem se consolidando (DUSSEL, 2015).

Neste texto, apresentamos uma reflexão teórica acerca do diálogo entre o realismo crítico (RC) e a ADC para pensar questões situadas da realidade brasileira, especificamente. Procuramos mostrar as aproximações entre essas duas abordagens, bem como algumas implicações possíveis como consequência da dissolução entre fronteiras disciplinares e epistemológicas. Dividimos este ensaio em duas seções. Na primeira, tecemos considerações sobre a filosofia do RC formulada por Bhaskar (1978, 1998, 2000, 2002a, 2002b). Na segunda, exploramos o potencial explanatório da ADC, buscando explorar algumas implicações do RC para os estudos da *semiose*. Argumentamos, concordando com Fairclough, Jessop e Sayer (2010), que a *semiose* não pode ser reduzida somente a um jogo de sinais, sem identificar e explorar as condições sociais que a tornam possível e garantem a sua efetividade. Acrescentamos que isso vale tanto para as interações e mudanças sociais favoráveis que desejamos para nosso contexto social quanto para a legitimação de crenças e práticas sociais que trazem desigualdades, injustiças, sofrimento, (auto)destruição, e que precisamos superar como indivíduos e como sociedade.

1. Realismo crítico e teorias sociais críticas

O realismo crítico, inicialmente proposto por Roy Bhaskar, é um movimento internacional na filosofia e nas ciências humanas, considerado uma alternativa para as ciências naturais e sociais, destacando a ontologia – questão do ser –, em que o *real* é mais denso, ou seja, em que se distingue uma *superfície* de algo mais *profundo*. O RC defende uma ontologia não empiricista, em que o mundo não é feito somente de acontecimentos ou fatos; o mundo (material ou social) é governado por mecanismos ou poderes causais, oriundos de estruturas e de que se informa a realização de eventos.

Bhaskar (1998) denominou de “falácia epistêmica” algumas proposições sobre o *ser*. Para ele, há um equívoco metafísico em querer adotar questões ontológicas como se fossem epistemológicas. Esse pensamento, segundo ele, teria levado a uma dissolução da ontologia. Na visão do filósofo, os objetos de conhecimento não são os fatos ou eventos atômicos (empirismo), nem fenômenos apreendidos por meio de construções mentais (idealismo), “mas estruturas reais que operam e agem no mundo independentemente do nosso conhecimento, nossa experiência” (BHASKAR, 1998, p. 19). Segundo essa perspectiva, o RC distingue duas dimensões do conhecimento: uma intransitiva e outra transitiva.

Conforme Resende (2009a) e Ramalho (2013), a dimensão intransitiva refere-se à realidade independente do conhecimento, ou aos objetos do mundo (dimensão ontológica). A dimensão transitiva refere-se, por seu turno, a nosso conhecimento sobre a realidade ou sobre os objetos (dimensão epistemológica). Assim, quando reduzimos a *realidade* (dimensão intransitiva e ontológica) a nosso *conhecimento sobre a realidade*



(dimensão transitiva e epistemológica), incorremos num erro epistêmico. Essa postura distancia o RC do realismo empírico, que identifica o potencial com o empírico, “como se o mundo correspondesse ao espectro de nossos sentidos, sendo idêntico àquilo que experimentamos” (SAYER, 2000: 09). Isso não significa, entretanto, assumir uma postura ingênua de que nosso conhecimento não afetaria o mundo social; ao contrário, as relações entre essa dimensão ontológica/ intransitiva e a dimensão epistemológica/ transitiva é mais complexa no mundo social que no mundo natural.

Na esteira de Barros (2015), Bhaskar conseguiu desenvolver uma crítica às visões racionalistas e empiristas de ciência. O filósofo procurou demonstrar que a teoria humana de leis causais levou a uma deterioração da própria teoria e, conseqüentemente, da questão ontológica. Elaborou, então, uma alternativa de explicação da ciência, valorizando a ‘ontologia’ que antes era desprestigiada pelas correntes positivistas e empiristas.

Com base na ‘filosofia da práxis’ de Marx (Chouliaraki & Fairclough, 1999: 35), a perspectiva de Bhaskar (1986) sustenta que a ciência deve revelar algo que sirva para transformar a realidade social. Porém, a realidade possui dimensões profundas, as quais não são diretamente observáveis: existe ‘algo que está abaixo da superfície’, ou seja, existe alguma coisa mais profunda que não é possível descobrir diretamente na empiria. É isso que interessa aos/às cientistas sociais críticos/as que comungam o pensamento do realismo crítico. O conhecimento precisa fazer sentido para que a realidade possa ser transformada; é preciso penetrar as raízes dos problemas sociais, com suas estruturas, mecanismos e poderes, visualizando uma ‘*crítica explanatória*’ que possa gerar argumentos críticos à transformação social. Em suas palavras:

a ciência é, de fato, um processo contínuo, mas é um processo com um propósito central: aprofundar o conhecimento dos mecanismos transfactualmente ativos sempre mais profundos da natureza [e da sociedade]. (BHASKAR, 1986, p. 50)

Ao defender a ontologia social, Bhaskar (1986) sustenta que as práticas científicas devem ser estudadas transcendentemente. Conforme o filósofo – e muitos/as pesquisadores/as qualitativos/as concordariam com isso –, toda e qualquer prática científica pressupõe uma visão de mundo antes mesmo da investigação. Sobre esse entendimento, ele formula a seguinte pergunta: “Como deve ser o mundo para que a ciência seja possível?” (BHASKAR, 1978, p. 36). Se o mundo é constituído de mecanismos (e não só de eventos observáveis), então esses mecanismos devem gerar fluxos de eventos, formando, conseqüentemente, os acontecimentos do mundo ao nosso redor. É por essa razão que o filósofo sugere não sermos totalmente livres: “Essa é a árdua tarefa da ciência: a produção do conhecimento sobre aqueles mecanismos da natureza, duradouros e continuamente ativos, que produzem os fenômenos [ou reproduzem os processos sociais] do nosso mundo” (BHASKAR, 1978, p. 47, acréscimo nosso).

Processos sociais são significativos e, portanto, devem ser compreendidos e não medidos. Nesse sentido, é preciso entender que no realismo crítico qualquer tipo de



significado vai exigir uma visão interpretativa por parte do/a pesquisador/a. Significa também dizer que o realismo crítico é parcialmente naturalista, pois também usa métodos da ciência natural para a explicação causal, mas diverge no que se refere à visão interpretativa (SAYER, 2000). Da mesma forma, entende ser compatível a adoção ampla de métodos de pesquisa como a etnografia, a análise de discurso etc., pois a seleção de determinados métodos depende sempre da natureza do objeto de estudo, do problema e das questões de pesquisa, dos objetivos da investigação (RESENDE, 2009a).

O RC busca compreender conexões entre os processos estudados, e não regularidades entre eles. Reconhece a necessidade de interpretar significados, embora não seja a única alternativa para explicações causais, considerando que razões podem ser causas. É caracterizado também pela ‘emergência’ de processos sociais, ou seja, quando duas ou mais características de um determinado fenômeno ou processo dão origem a outros novos que emergem. Por exemplo, processos sociais são emergentes de fenômenos biológicos que, por sua vez, são emergentes dos estratos do físico e químico, e assim por diante (BHASKAR, 1998). E reconhecer isso não significa advogar a necessidade de se estudarem os fenômenos primários em uma cadeia de emergência, mas reconhecer a complexidade sistêmica da vida natural e social.

Na visão de Outhwaite (1983, p. 322), o RC vê a ciência “como uma atividade humana que visa descobrir uma mistura de experimentação e razões teóricas, as entidades, estruturas e mecanismos – visíveis ou invisíveis – que existem e operam no mundo”. Nessa mesma esteira, Vanderberghe (2010) compara o/a pesquisador/a com um mineiro, escavando profundamente, movendo-se entre estratos da realidade – dimensão vertical –, descobrindo uma multiplicidade de mecanismos gerativos que explicam relações entre eventos – dimensão horizontal. Mas sem a necessidade de ‘descobrir’ regularidades, já que, como dissemos antes, não é isso o que move o empreendimento.

Em escritos mais recentes, Bhaskar (2002b) avançou na discussão sobre o aspecto transcendental de sua abordagem filosófica, o que definiu como ‘filosofia da meta-Realidade’. Em linhas gerais, partindo da visão transformacional do mundo – concebido como uma totalidade sistêmica que engloba diversos estratos dialeticamente interconectados (físico – químico – biológico – psicológico – semiótico – social – ambiental etc.), cada qual com seus mecanismos gerativos e poderes causais particulares –, o autor aprofundou a questão do *ser* como fonte de agência causal no mundo e como parte do todo universal profundamente interconectado.

Dessa vez posicionando-se em epistemologias de base oriental, mais holísticas sobre totalidades integradas, em convergência com Morin (2005), Demo (2012), Capra ([1982]2004), dentre outros/as pensadores/as de teorias da complexidade, o autor focalizou a questão da *autoestruturação interna do ser no mundo* como caminho para a emancipação humana coletiva. Com foco no potencial humano criativo, observou que a ‘falsa’ separação, fragmentação, alienação da totalidade universal desune as pessoas, desconectando-as das totalidades integradas. Nessa dinâmica de ‘falsa’ separação, de ‘dualidade’, o ser humano se reconhece como ‘superior’ às demais formas de vida,



legitimando, por exemplo, a percepção do meio ambiente natural como algo 'fora' e não como parte de sua própria natureza, de sua própria realidade. A mesma fragmentação também leva ao não reconhecimento de si mesmo no outro, naturalizando práticas de competitividade, concorrência, agressividade, violência, exclusão. Na linha do que também discutem Dussel (2000), Weil, Leloup & Crema (2012), entre outros/as, Bhaskar (2002b) problematizou como tais posturas no mundo, na vida social, atuam potencialmente como elemento causal relacional de desigualdades, guerras, discriminações, explorações, infelicidades, opressões, resultando em autodestruição, destruição do meio ambiente, violência, sofrimento.

Assim sendo, o RC lança luz sobre a questão ética e moral do ser no mundo, consciente de sua agência humana integrada a uma totalidade transcendental que é pura unidade e cooperação. Assim, a crítica sobre estruturas de poder (incluindo estruturas políticas, históricas) perpassa, de modo transformacional, a crítica sobre a (inter)ação do ser no mundo, isto é, inclui uma 'estrutura fina' – que é a *autoestruturação interna do ser* (BHASKAR 2002b; BARROS, 2008, 2015) – como mecanismo causal fundamental da emancipação humana coletiva. Nos termos de Bhaskar (2002b, p.8),

a filosofia da Meta-Realidade descreve a maneira como o mundo depende, é sustentado e existe somente em virtude da energia livre, amorosa, criativa, inteligente e de ações em estados não-duais de nosso ser e de nossa atividade. Ao nos tornarmos conscientes disso, começamos o processo de transformação e superação da totalidade das estruturas de opressão, alienação, mistificação e miséria que temos produzido.

Avança-se, desse modo, numa compreensão não eurocêntrica, superando o cientificismo racional, mecanicista, que, nas palavras de Capra (2004, p. 9), concebeu "o universo como um sistema mecânico que consiste em objetos separados", que "ainda está na base da maioria de nossas ciências e continua a exercer uma enorme influência em muitos aspectos de nossa vida". Para Capra, isso

levou à bem conhecida fragmentação em nossas disciplinas acadêmicas e entidades governamentais e serviu como fundamento lógico para o tratamento do meio ambiente natural como se ele fosse formado de peças separadas a serem exploradas por diferentes grupos de interesses. (CAPRA, 2004, p. 29-30)

O foco no sistema econômico, tecnológico, assim como no conflito e na luta como forças propulsoras de mudanças sociais (CAPRA, 2004) abre espaço para possibilidades de mudanças, inicialmente emergentes na base da formação humana holística, integrada e fundada na não dualidade (ou seja, na unidade), nas quais, conforme Bhaskar (2002b), estão importantíssimos mecanismos (com seus poderes causais) que podem se movimentar para a superação de estruturas sociais de opressão e sofrimento, as quais são, em grande medida, reproduzidas inconscientemente por nós mesmos/as.



Como pontua Mézaros a respeito das “elites científico-tecnológicas”,

as forças materiais correspondentes às determinações estruturais da sociedade produzem as pessoas de que elas precisam em cada aspecto da vida, inclusive a ciência, mediante a qual podem impor seus imperativos estruturais destrutivos sobre a sociedade como um todo, sem levar em conta as consequências. (MÉSZAROS, 2004, p. 283, destaques nossos)

Na linha de pensamento transformacional do RC, desigualdades, guerras, discriminações, exploração, injustiças, infelicidade, opressão, (auto)destruição, violência, sofrimento, medo são tanto efeitos causais do sistema de exploração capitalista quanto seu sustentáculo, reproduzido ou questionado em cada (inter)ação em eventos sociais.

Como filosofia de cunho *emancipatório*, o realismo crítico tem servido de base para reflexão teórica e metodológica de estudiosos/as do discurso, interessados/as em questionar a vida social em termos políticos, ideológicos e morais, visando contribuir para a superação de desigualdades e injustiças sociais. Os/As que comungam dessa visão sustentam que pesquisadores/as não devem se pretender neutros/as; ao contrário, devem ser críticos/as, de modo a contribuir para a superação dos problemas sociais em que se engajam (BARROS, 2015).

Em RC, pesquisas sociais não são feitas pela investigação de eventos que se sucedem com regularidades empiricamente observáveis, uma vez que eventos sociais, por não serem predeterminados e dependerem de condições contingentes, podem ocorrer de muitas maneiras diferentes (SAYER, 2000, p.14-5). A constituição do mundo social como um sistema aberto, em que um mesmo poder causal pode produzir resultados diferentes, pressupõe um movimento transformacional entre agência humana e estrutura social.

A sociedade existe como efeito causal da agência humana, mas não é redutível a ela, e vice-versa. Como Sayer (2000, p. 19) exemplifica, ações sempre pressupõem recursos pré-existentes e meios – “falar pressupõe uma língua; uma língua, uma comunidade e recursos materiais, como cordas vocais ou outros meios de se efetuar sons inteligíveis” –, o que implica relações causalmente interdependentes.

A concepção transformacional discutida aqui implica a existência de uma entidade intermediária em cujo cerne está a noção de discurso da ADC: as *práticas sociais*, como retomaremos adiante. Considerando esses princípios epistemológicos e ontológicos, o RC propõe uma abordagem crítico-explanatória para estudos sociais, procurando contemplar a natureza estratificada da realidade, incluindo as entidades, estruturas e mecanismos (visíveis ou invisíveis) que existem e operam no mundo (BHASKAR, 1989, p. 12). Na próxima seção, nossa reflexão focalizará algumas implicações possíveis dessa filosofia transcendental sobre estudos discursivos críticos.



2. Análise de discurso crítica e realismo crítico: hibridismos de fronteiras

A abordagem da ADC proposta por Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (2003a) dialoga com o RC de Bhaskar por considerarem o mundo social como um sistema aberto, em constantes transformações. Conforme Fairclough (2003a), a ADC está baseada numa ontologia social realista, em que eventos concretos e estruturas sociais são parte da realidade social. Em suas palavras:

A perspectiva social em que me baseio é realista, fundamentada em uma ontologia realista: tanto eventos sociais concretos como estruturas abstratas, assim como menos abstratas 'práticas sociais', são parte da realidade. Podemos fazer uma distinção entre o Real e o Realizado – o que é possível devido à natureza (constrangimentos e possibilidades) de estruturas sociais e práticas, e o que acontece de fato. Ambos precisam ser distinguidos do 'empírico', o que sabemos sobre a realidade. (FAIRCLOUGH, 2003a, p. 14).

O mundo se constitui em *potencialidades* que afetam e limitam a construção textual (ou discursiva) do social. Podemos textualmente construir (representar, imaginar etc.) o mundo social de modos particulares, porém a nossa representação irá depender de vários fatores contextuais. Os textos – orais, escritos, multimodais – podem trazer mudanças em nosso conhecimento (crenças, atitudes, valores etc.), e podem também produzir *efeitos causais*, gerando guerras ou consolidando a paz etc., como já refletimos na seção anterior a respeito do RC. Textos podem, então, contribuir para mudanças na sociedade, já que são uma parte importante de nossa ação social. Seus efeitos incluem mudanças no mundo material, na arquitetura urbana, nas atitudes das pessoas, nas relações sociais e no mundo material (FAIRCLOUGH, 2003a), o que possibilita que cada contexto sócio-político, histórico, geográfico possa fazer explicações críticas situadas sobre sua própria realidade.

Como Pardo Abril (2007, p. 32) observa, a chegada dos estudos discursivos críticos à América Latina constituiu uma de suas principais razões de crescimento e expansão, pois se desenvolveram múltiplas aplicações dos princípios teóricos na análise de situações e problemáticas concretas, o que resultou no desenvolvimento das teorias e dos métodos, e na ampliação de perspectivas (RAMALHO; RESENDE, 2011, p. 19). Aqui na América Latina, não é difícil notar os efeitos causais de discursos capitalistas neoliberais, dualistas e sustentadores da exploração sem fronteiras na organização espacial das grandes cidades, que cria disparidades político-sociais absurdas, a exemplo do que ocorre em São Paulo, ilustrado pela imagem seguinte que circulou nas redes sociais em 2014:

Figura 1 – Comunidade de Paraisópolis, localizada em um dos bairros mais ricos de São Paulo, o Morumbi



<https://languageinmotionblog.wordpress.com/2014/10/16/9-coisas-que-so-quem-mora-em-sao-paulo-sabe-9-things-only-people-living-in-sao-paulo-know-about/>

Esse é um exemplo explícito da ‘separação’, evidenciada pela imagem que capta a linha divisória, demarcada pelo muro, entre grupos sociais enriquecidos e empobrecidos, lucro e empobrecimento – em sentido amplo, grupos exploradores do sistema capitalista, que dele tiram oportunidades de manutenção de seus privilégios, e grupos explorados pelo mesmo sistema –, mas há muitas outras ‘separatividades’ sustentadas inclusive pelo discurso e que trazem sofrimento e (auto)destruição.

Um mapeamento de notícias publicadas pela *Folha de S. Paulo*, por exemplo, sobre a população em situação de rua, permite analisar como se constrói discursivamente a segregação na cidade higienista. Para citar apenas poucos exemplos, as notícias “Centro social para morador de rua provoca discórdia em Santa Cecília” e “Pobre incomoda, diz presidente de centro social de Santa Cecília”, veiculadas na Internet pela *Folha de S. Paulo* em 4 de junho de 2013 e relacionadas por *hiperlink*, constroem modo particular de representação em que a situação de rua é “percebida apenas pelo viés de seus efeitos sobre populações outras, em relações de sentido que estabelecem vínculos fortes entre pessoas em situação de rua e sujeira, lixo, dejetos; sem alguma vez associar a situação de rua aos problemas sociais mais profundos que a encadeiam” (RESENDE, 2015a, p. 122), modo de representação recorrente, mapeado por Resende (2015b) em vários textos realizando diferentes gêneros discursivos.

Discursos semelhantes, de risco e de incômodo, estão presentes em textos mais recentes, como na notícia “Condomínios pagam segurança para espantar moradores de rua”, publicada pelo mesmo jornal em 7 de abril de 2015, em que a dualidade



continua sendo o escopo da cobertura jornalística de um problema social tão grave como a situação de viver nas ruas. Como efeito, (re)constrói-se a dualidade de grupos antagônicos: um composto por pessoas para as quais se reconhece a legítima demanda pelo espaço público; outro composto por pessoas para as quais se nega o direito à cidade, com várias consequências, inclusive no campo das políticas públicas (RESENDE; SILVA, 2015a) e do acesso à justiça (RESENDE; SILVA, 2015b, apenas para citar dois exemplos dessa complexidade.

Pesquisas que abordam a construção discursiva da realidade social, pela perspectiva dos estudos críticos do discurso, podem ser úteis para confrontar a complexidade da relação entre as dimensões intransitiva (ontológica) e transitiva (epistemológica) do conhecimento quando se trata de ciências humanas e sociais, afastando perspectivas reducionistas, tanto as da via do realismo empírico quanto as da via do construtivismo relativista. Por isso, é preciso ter claro que não se trata de buscar causalidades simples. Não podemos, por exemplo, dizer que exemplos particulares de textos podem trazer mudanças no conhecimento ou comportamento das pessoas. Podemos aceitar, conforme Fairclough (2003a, p. 9), que o mundo social é textualmente construído, mas não numa versão extrema.

Inspirados no RC, Chouliaraki e Fairclough (1999) organizaram uma abordagem analítica que possibilitasse identificar mecanismos causais de problemas sociais, materializados em textos orais, escritos, multimodais. Essa abertura de possibilidades transdisciplinares fez com que a ADC ganhasse cada vez mais espaço na ciência social crítica, permitindo uma compreensão ampliada da vida social, principalmente em relação aos elementos micro e macrosociais.

Chouliaraki e Fairclough (1999), em conformidade com Bhaskar (1986), entendem que pesquisas em ACD devem estar voltadas para problemas práticos da vida social, visualizando uma '*crítica explanatória*' (BHASKAR, 1986; 1998; 2002b), construída com base na crítica e no desvelamento de problemas sociais, oriundos das práticas sociais, e, a partir delas, buscar soluções para a sua superação. Isso significa que a ADC parte da compreensão da semiose como um estrato da realidade (o estrato semiótico) e como um momento irreduzível de práticas sociais, que constitui outros momentos não essencialmente semióticos (ação e interação; relações sociais; pessoas, com suas crenças, atitudes, histórias; mundo material) assim como é constituído por eles. Por isso, questões sociais são parcialmente questões discursivas (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999).

Pode-se dizer, sucintamente, que a principal tarefa da ADC, como ciência social crítica, é mapear conexões entre semiose e (aspectos não essencialmente semióticos da) sociedade, com o objetivo de, primeiro, localizar mecanismos semióticos, e suas causas e efeitos de sentido potencialmente ideológicos, para, em seguida, suscitar possíveis maneiras de superar relações assimétricas de poder parcialmente sustentadas pelo discurso. Essa tarefa também encontra subsídios na *operacionalização* do RC, num movimento que implica superar fronteiras entre disciplinas e transformá-las, ao contrário de, simplesmente, "aplicá-las", como um "modelo", à ADC (FAIRCLOUGH, 2003a).



A concepção transformacional de constituição do social discutida aqui implica um trabalho com as *práticas sociais*, em cujo cerne está a noção de discurso da ADC e que consiste em uma entidade intermediária situada entre estruturas mais fixas e agência/ eventos mais flexíveis. Como a linguagem é um momento constituinte do social, e constituído por ele, a ADC busca mapear conexões entre aspectos sociais semióticos e não essencialmente semióticos para “mostrar como o momento discursivo trabalha na prática social, do ponto de vista de seus efeitos em lutas hegemônicas e relações de dominação” (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999, p. 67), como sintetizam Resende e Ramalho (2006).

Isso significa que, embora *textos* representem o principal material empírico da análise de discurso crítica, análises textuais não são suficientes para mapear conexões entre linguagem e (aspectos não essencialmente semióticos da) sociedade. Fairclough (2003a, p. 14) observa que a análise textual é

inevitavelmente seletiva: em toda análise, escolhemos responder a determinadas questões sobre eventos sociais e textos, e não a outras questões possíveis. Há sempre motivações particulares na escolha de certas questões sobre textos e não outras. [...] Não existe análise ‘objetiva’ de um texto, pois não é possível descrever simplesmente ‘o que está lá’ sem a participação “tendenciosa” da “subjetividade” do analista [...] nossa capacidade de saber ‘o que está lá’ é inevitavelmente limitada e parcial, e a questão que procuramos responder deriva necessariamente de motivações particulares.

A interpretação de textos, como detalham Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 67), é um processo complexo que engloba duas partes: a *compreensão* e a *explanação*. Um texto pode ser compreendido de diferentes maneiras, já que diferentes combinações das propriedades do texto e do posicionamento social, conhecimentos, experiências e crenças do/a leitor/a resultam diferentes compreensões. Parte desse trabalho, portanto, é análise de compreensões, o que envolve descrições e interpretações. Entretanto, a ADC, como esclarecem a autora e o autor,

não advoga uma compreensão particular do texto, mas uma explanação particular. Uma explanação re-descreve propriedades de um texto (incluindo o conjunto de compreensões), usando um arcabouço teórico particular para localizar o texto na prática social. [...] os conceitos do arcabouço são relacionados a material empírico, construindo o objeto de pesquisa (as relações relevantes para a análise), seu funcionamento (como essas relações são articuladas), bem como suas potencialidades (não apenas seus efeitos reais, mas também sua função potencial).

A etapa da explanação situa-se na interface entre *conceitos* e *material empírico*, por meio da qual conceitos são usados para re-descrever propriedades de textos, localizando-os na prática social situada. Resende e Ramalho (2006) explicam que, além de incluir essas duas etapas – a compreensão e a explanação –, a análise de discurso é orientada, simultaneamente, para a *estrutura* e para a (*inter*)ação discursiva. Isto é, para os recursos



sociais (ordens de discurso) que possibilitam e constroem a interação, bem como para as maneiras como esses recursos são articulados em textos.

A concepção de textos como parte de eventos específicos, que envolvem pessoas, (inter)ação, relações sociais, mundo material, além de discurso, situa a análise textual na interface entre ação, representação e identificação, os três principais aspectos do significado. Esse tipo de análise implica uma perspectiva social detalhada de textos, por permitir abordar os textos “em termos dos três principais aspectos do significado, e das maneiras como são realizados em traços dos textos” (FAIRCLOUGH, 2003a, p. 28). Nessa interface, mapeiam-se conexões “entre o evento social concreto e práticas sociais mais abstratas”, pela investigação dos gêneros, discursos e estilos, com seus traços textuais, selecionados nas (redes de opções de) ordens do discurso, e das maneiras como são articulados em textos verbais, visuais, orais. A análise discursiva é, portanto, explanatória: conjuga teoria e material empírico para investigar (sentidos de) textos tendo em vista seus efeitos sociais (RAMALHO; RESENDE, 2011).

Como ciência crítica, a ADC tece críticas explanatórias sobre efeitos ideológicos que (sentidos de) textos possam ter sobre relações sociais, ações e interações, conhecimentos, crenças, atitudes, valores, identidades (FAIRCLOUGH, 2003a; THOMPSON, 2002), reconhecendo que sentidos ideológicos dominantes são representações do mundo que servem ao consenso, a assimetrias de poder, à disseminação de interesses particulares para estabelecer e sustentar relações de dominação.

Como a função do discurso na prática social é dialética/ transformacional, entende-se que representações ideológicas (discursos ideológicos) circulam e são disseminadas nas ações e interações no mundo (gêneros discursivos), e inculcadas em modos de identificar e de ser, na ‘estrutura fina’ do *self* (estilos, identidades), reproduzindo ou não representações ideológicas em ações e interações no mundo (gêneros discursivos), e assim por diante.

Para citar apenas um exemplo, Thompson (2002) aponta que pelo modo de operação da ideologia da *legitimação* relações de dominação são representadas como sendo justas e dignas de apoio. Há estratégias típicas de construção simbólica da legitimação, como a racionalização e a universalização. A estratégia da racionalização consiste em utilizar fundamentos racionais, apelos à legalidade, a bases jurídicas para legitimar relações assimétricas de poder. A universalização, por sua vez, diz respeito à estratégia de difundir, disseminar representações particulares como se fossem de interesse geral, universal.

Podemos partir da própria discussão que desenhamos aqui para exemplificar a função do discurso na legitimação, por meio da racionalização e da universalização de um único sistema econômico-político-cultural como se fosse o único, o mais eficiente, até “o mais justo”, por permitir a “concorrência livre entre mercados”, por exemplo. Ou na legitimação dos conhecimentos (discursos particulares, portanto) das “elites científico-tecnológicas” que sustentam o eurocentrismo como um suposto “pensamento universal”, ou a visão cartesiana, mecanicista de mundo para seus fins e projetos particulares, o que Dussel (2015, p.1) define como “irracionalismo moderno”. Ou, ainda, a legitimação da segregação de uma parcela da população urbana por meio



da vinculação sistemática dessa população a discursos de risco e incômodo, e a sentidos pejorativos que a vinculam a violência e a sujeira.

Certamente, no movimento em busca da superação de fronteiras disciplinares, a ADC apresenta-se também, por seu turno, como suporte para o RC realizar críticas explanatórias que levem em conta o discurso, como parte da realidade e um momento irreduzível do social. Assim, é possível explicar a função do discurso nas maneiras de (inter)agir, de representar e de identificar(se) que, de modo transformacional, causam efeitos no social, seja na construção de 'falsas separatividades', nas individualidades em competição, nos medos, nas ameaças e demais imperativos estruturais destrutivos sobre a sociedade.

Conforme Fairclough (2003a), a *semiose* é parte crucial da vida social. Embora ela seja um aspecto de qualquer prática social, nenhuma prática – e muito menos todos os comportamentos – é redutível apenas à *semiose*. A *semiose* tampouco pode ser reduzida somente ao jogo de sinais, como se ela sempre fosse uma questão puramente intra-semiótica, sem referência externa, sem se identificar e explorar as condições extra-semióticas que a tornam possível e garantem sua efetividade. Também é necessário refletir, então, sobre importantes contribuições da ADC para o RC, lembrando que a crítica social está situada no sociodiscursivo, numa perspectiva mais complexa e integrada dos aspectos da realidade, o que envolve crenças, posturas no mundo, histórias, mundo material, relações sociais entre pessoas e com o meio ambiente, e assim por diante.

Daí a relevância de refletir sobre efeitos do discurso na legitimação e disseminação da dualidade, da diferenciação, da dispersão de antagonismos, vistos como elementos causais de segregação, competição, comparação, medo, ansiedade, desconfiança, violência institucional, tudo o que em cadeias de eventos reiterados sustenta sistemas de sofrimento e (auto)destruição. Partilhamos com Dowbor (2015, p. 3) da inquietação acerca dos discursos de ódio que se disseminam hoje “para encobrir o interesse com um véu de ética”, distanciando-nos da verdade das “85 famílias donas de mais riqueza acumulada do que 3,5 bilhões de pessoas na base da pirâmide social”. A explicação para nosso consentimento diante dessa realidade, justaposta aos milhões de pessoas em situação de pobreza no mundo, pode ser alheia ao discursivo?

À guisa de conclusão

Neste texto, apresentamos uma reflexão teórica sobre fronteiras porosas entre o RC e a ADC, algumas das quais ainda por aprofundar. Considerando que, conforme Bhaskar, os objetos de conhecimento não são os fatos ou eventos atômicos, nem fenômenos apreendidos por meio de construções mentais, mas estruturas *reais* cuja potencialidade opera e age no mundo mais ou menos independentemente do nosso conhecimento, refletimos sobre possibilidades analíticas possibilitadas pela via do discurso em ciência social crítica.

Discutindo a relação proximal entre essas duas abordagens, dado que textos operam mudanças no nosso sistema de crenças, bem como produzem *efeitos causais*, enfatizamos que a *semiose* não pode ser reduzida a um jogo de sinais, sem identificar e



explorar as condições sociais que a tornam possível e garantem a sua efetividade, tanto para as interações e mudanças sociais favoráveis que desejamos para nosso contexto social quanto para a legitimação de crenças e práticas sociais que trazem desigualdades, injustiças, sofrimento, (auto)destruição.

Partindo de realidades sociais do nosso contexto, enfocamos a questão da ética e da moral do ser no mundo, consciente de sua agência humana integrada em uma totalidade transcendental que existe em virtude da cooperação, de redes autênticas, da força humana inteligente e criativa, e não da competição, do ódio e da separação. Se, por um lado, modernidade é “justificação de uma práxis irracional de violência”, por outro pode ser *emancipação*, numa visão positiva, que implica “superação da imaturidade por um esforço da razão como processo crítico, possibilitando um novo desenvolvimento histórico do ser humano” (DUSSEL, 1992 *apud* OLIVEIRA; DIAS, 2012, p. 93).

Com Bhaskar, refletimos que a ADC pode nos auxiliar a construir a mudança em direção à conscientização linguística crítica, que é também uma conscientização social, como via de (auto)transformação e superação das estruturas de opressão, alienação e miséria. Uma postura alinhada com o movimento de descolonização epistemológica de um suposto ‘pensamento universal’ dualista e mecanicista predominante nas ciências, na economia, em favor de uma postura ética mais respeitosa no mundo, e da qual somos parte:

La teoría surge de la praxis, y la praxis va por tanteos. Lo que sí puedo hacer es criticar con vehemencia al sistema actual y sus límites que se han vuelto peligrosos porque van hacia la extinción de la especie humana. En ese sentido Bolivia es el país más interesante hoy, porque las comunidades indígenas no han perdido sus tradiciones, estuvieron antes de la modernidad, durante y estarán después de la modernidad. Tienen criterios ejemplares como el respeto a la naturaleza, que es una actitud metafísica y ética que hay que recuperar. (DUSSEL, 2015, p. 3)

Referências

BARROS, S. M. Análise crítica do discurso e realismo crítico: reflexões interdisciplinares. **Polifonia**, vol. 17, 2009, p. 141-157.

BARROS, S. M. Formação crítica do educador de línguas: por uma política emancipatória e de transformação social. In: BARROS, S. M.; ASSIS-PETERSON, A.A. (Orgs). **Formação crítica de professores de línguas: desejos e possibilidades**. São Paulo: Pedro & João Editores, 2010, p. 17-25, 2010.

BARROS, S. M. Transformational model of textual activity: an approach based on critical realism and critical discourse analysis. **International Journal of Humanities and Cultural Studies**, 2, 2014, p. 01-17.

BARROS, S. M. **Realismo crítico e emancipação humana: contribuições ontológicas e epistemológicas para os estudos críticos do discurso**. Campinas: Pontes, 2015.



- BERARDI, L. (Org.). **Análisis Crítico del Discurso: perspectivas latinoamericanas**. Santiago: Frasis, 2003.
- BHASKAR, R. **A realist theory of science**. Brighton: Harvester , Press, 1978.
- BHASKAR, R. **Critical realism. Essential readings**. In: Archer, M.; Bhaskar, R.; Collier, A.; Lawson, T.; Norrie, A. (Eds.), *Centre For Critical Realism*. London: Routledge, 1998.
- BHASKAR, R. **From east to west: odyssey if a soul**. London: Routledge, 2000.
- BHASKAR, R. **From science to emancipation. Alienation and the actuality of Enlightenment**. Sage Publications: New Delhi/London, 2002a.
- BHASKAR, R. **Scientific Realism and Human Emancipation**, London: Verso, 1986.
- BHASKAR, R. **Reflections on meta-reality: transcendence, emancipation and everyday life**. London: SAGE, 2002b.
- CAPRA, F. **O ponto de mutação**. São Paulo. Cultrix, 2004.
- CHOULIARAKI, L. & FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity: rethinking Critical Discourse Analysis**. Edinburgh: Edinburgh University, 1999.
- COLLIER, A. **Critical Realism**. London: Verso, 1994.
- DEMO, P. **Ciência Rebelde - Para continuar aprendendo, cumpre desestruturar-se**. São Paulo: Atlas, 2012.
- DOWBOR, L. Homo ignorans. *Carta Maior*. Economia. http://cartamaior.com.br/detalhelmprimir.cfm?conteudo_id=33141HYPERLINK "http://cartamaior.com.br/detalhelmprimir.cfm?conteudo_id=33141&flag_destaque_longo_curto=L"&HYPERLINK "http://cartamaior.com.br/detalhelmprimir.cfm?conteudo_id=33141&flag_destaque_longo_curto=L"flag_destaque_longo_curto=L. 27 mar 2015.
- DUSSEL, E. La filosofía europea no es universal. Disponível em <http://www.elespectador.com/noticias/actualidad/filosofiaeuropenouniversalarticulo552386> . 3 de abril de 2015. Acesso em 07 de abril de 2015.
- FAIRCLOUGH, N. **Analysing Discourse**. Routledge: Taylor & Francis Group. London and New York, 2003.
- FAIRCLOUGH, N. **Critical Discourse Analysis**. The Critical Study of Language. London: Longman, 2010.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Trad./Org. Izabel Magalhães. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.
- FAIRCLOUGH, N., JESSOP, B. e SAYER, A. Critical realism and semiosis. In: _____. **Critical Discourse Analysis. The critical study of language**. London: Longman, 2010, p. 202-222.
- GOMES, M. C. A. Corpo, política, tecnologização: um estudo da representação de Dilma Rousseff no contexto da mídia. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 12(1), 2011, p. 11-29.



MAGALHÃES, I. Discurso e identidades: exotismo e domínio violento. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 11, 2010, p. 13-37.

MAGALHÃES, I. Gênero e discurso no Brasil. **Discurso & Sociedad**, v. 3, 2009, p. 714-737.

MÉSZÁROS, I. **O poder da ideologia**. Trad. Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2004.

MORIN, E. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Trad. Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2005.

OLIVEIRA, I. A. & DIAS, A. S. Ética da Libertação de Enrique Dussel: caminho de superação do irracionalismo moderno e da exclusão social. **Conjectura**, v. 17, n. 3, p. 90-106, set./dez. 2012.

OUTHWAITE, W. "Toward a Realist Perspective", in G. Morgan (ed.), **Beyond Method: Strategies for Social Research**. London, Sage, 1983.

PAPA, S. M. de B. I. **Prática Pedagógica Emancipatória: O Professor Reflexivo em Processo de Mudança. Um Exercício em Análise Crítica do Discurso**. Pedro & João Editores: São Carlos, 2008.

PAPA, S. M. de B. I. **O Professor Reflexivo em Processo de Mudança na Sala de Aula de Língua Estrangeira: Caminhos para a Auto-Emancipação e Transformação Social**. Tese de Doutorado. LAEL/PUC/SP. 2005.

PARDO ABRIL, N. **Como hacer análisis crítico del discurso**. Una perspectiva latinoamericana. Santiago: Frasis, 2007.

PARDO ABRIL, N. G. ¿Qué nos dicen? ¿Qué vemos? ¿Qué es ... pobreza? Análisis crítico de los medios. Bogotá: IECO/Antiquus, 2008.

PARDO, M. L. **Teoría y metodología de la investigación lingüística. Método sincrónico-diacrónico de análisis lingüístico de textos**. Buenos Aires: Tersites, 2011.

PARDO, M. L. Una metodología para la investigación lingüística del discurso. In: _____. **El discurso sobre la pobreza en América Latina**. Santiago: Frasis, 2008, p. 55-78.

RAMALHO, V. & RESENDE, V. M. **Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa**. Campinas: Pontes, 2011.

RAMALHO, V. **Análise de discurso crítica da publicidade: um estudo sobre a promoção de medicamentos no Brasil**. Covilhã: LabCom, 2010a. Disponível em: <http://www.livroslabcom.ubi.pt/sinopse/ramalho-analise-2010.html>.

RAMALHO, V. Tecnologias discursivas na propaganda de medicamentos. **Discurso & Sociedad**, v. 4, 2010b, p. 507-537.

RAMALHO, V. Análise crítica da publicidade: um estudo sobre anúncios de medicamento. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v.10, n. 2, 2009, p. 152-182.

RESENDE, V. M. **Análise de discurso crítica e realismo crítico**. Implicações interdisciplinares. Campinas: Pontes, 2009a.



RESENDE, V. M. 'It's not a matter of inhumanity': a critical discourse analysis of an apartment building circular on 'homeless people'. **Discourse & Society**, 20, 2009b. p.363-379.

RESENDE, V. M. Between the European legacy and critical daring: epistemological reflections for critical discourse analysis. **Journal of Multicultural Discourses**, 5, 2010. p. 193-212.

RESENDE, V. M. Media, sexual exploitation of children and the National Street Children's Movement in Brasília: an analysis of texts' social effects. **Critical Discourse Studies**, 10, 2013, p. 263-274.

RESENDE, V. M. A violação de direitos da população em situação de rua e a violência simbólica: representação discursiva no jornalismo on-line. **ALED/Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso**, v. 15, 2015a, p. 71-92.

RESENDE, V. M. Violência simbólica: representação discursiva da extrema pobreza no Brasil – relações entre situação de rua e vizinhança. **Discurso & Sociedad**, 9, 2015b, p. 106-128.

RESENDE, V. M. & RAMALHO, V. Análise de Discurso Crítica, do modelo tridimensional à articulação entre práticas: implicações teórico-metodológicas. **Linguagem em (dis)curso**. Tubarão, v. 5, n. 1, jul./dez. 2004, p. 185-207.

RESENDE, V. M. & RAMALHO, V. Análise de Discurso Crítica: uma reflexão acerca dos desdobramentos recentes da teoria social do discurso. **ALED/Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso**, v. 5, n. 1, 2005, p. 27-50.

RESENDE, V. M. & RAMALHO, V. **Análise de Discurso Crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

RESENDE, V. M.; RAMALHO, V. Inequality and representation: critical discourse analysis of news coverage about homelessness. In: C. M. Pascale (Org.). **Social inequality & the politics of representation: a global landscape**. Washington: Sage, 2013. p. 21-34.

RESENDE, V. M.; SILVA, R. B. Critical discourse analysis: voice, silence and memory - one case about public sphere. **Critical Discourse Studies**, DOI: 10.1080/17405904.2015.1113191, 2015a.

RESENDE, V. M.; SILVA, R. B. Todo preso é um preso político? Agenciamento político, consenso e coerção no caso Rafael Braga Vieira. Trabalho apresentado no **II Simpósio da EDiSo**, Coimbra, 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Os processos da globalização. **A globalização e as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 2002, p. 25-94.

SAYER, A. **Realism and Social Science**. London: Sage Publications, 2000.

SILVA, D. E. G. & RAMALHO, V. Análise de Discurso Crítica: representações sociais na mídia. In: LARA, G. M. P.; MACHADO, I. L. & EMEDIATO, W. (Org.). **Análise de discurso hoje**, v.2, Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Lucerna, 2008a, p. 265-292.

SILVA, D. E. G. & RAMALHO, V. Reflexões para uma abordagem crítica dos gêneros discursivos. **Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso**, v. 8, p. 19-40, 2008b.



SILVA, D.E.G. & PARDO ABRIL, N.G. Miradas cruzadas hacia la pobreza desde una perspectiva crítica transdisciplinaria. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 11, n. 1, 2010, p. 66-90.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Trad./Org. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002.

VANDENBERGHE, F. **Teoria Social Realista. Um diálogo franco-britânico**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

WEIL, P; LELOUP J. & CREMA, R. **Normose: a patologia da normalidade**. Petrópolis: Vozes, 2012.

Recebido em 02 de setembro de 2015.

Aprovado em 05 de março de 2016.

Solange Maria de Barros

Doutora em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP (2005). Pós-doutorado no Instituto de Educação (IOE) da Universidade de Londres, sob supervisão de Roy Bhaskar, com apoio financeiro da CAPES (2012-2013). Docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal do Mato Grosso E-mail: solmarbarros@gmail.com

Viviane Vieira

Docente e pesquisadora da Universidade de Brasília/Programa de Pós-Graduação em Linguística (UnB/PPGL). Membro do Núcleo de Estudos de Linguagem e Sociedade (NELiS) e sócia da Asociación Latinoamericana de Estudios del Discurso (ALED). Doutora em Linguística/Área Linguagem e Sociedade, pela UnB. E-mail: vivi@unb.br

Viviane de Melo Resende

Docente e pesquisadora nos programas de pós-graduação em Linguística e em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional da Universidade de Brasília. Membro do Núcleo de Estudos de Linguagem e Sociedade (NELiS/UnB) e de várias associações científicas em estudos discursivos, como ALED, REDLAD e EDiSo. Coordenadora do Laboratório de Estudos Críticos do Discurso – LabEC/UnB. Pesquisadora do CNPq. E-mail: viviane.melo.resende@gmail.com